



Novos Cadernos NAEA

v. 27, n. 3 • set-dez 2024 • ISSN 1516-6481/2179-7536



MAPEAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DO AÇAÍ NO NORDESTE PARAENSE: ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE CONCÓRDIA DO PARÁ

MAPPING AND CHARACTERIZATION OF THE AÇAÍ PRODUCTION CHAIN IN THE NORTHEAST OF PARÁ: A CASE STUDY IN THE MUNICIPALITY OF CONCÓRDIA DO PARÁ

Jamison Pinheiro Ribeiro  

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil

Andréa Cristina Dorr  

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil

Carine Dalla Valle  

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil

Jeorgia Gabriela Bertoldo  

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil

João Garibaldi Almeida Viana  

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil

RESUMO

A cadeia produtiva do açaí, devido às suas propriedades altamente nutricionais, aos seus benefícios à saúde, ao seu grande valor cultural e potencial de comercialização, tem ganhado destaque no mercado nacional e internacional. Assim, o objetivo desta pesquisa consiste em mapear e caracterizar os agentes que compõem os elos dessa cadeia produtiva no município de Concórdia, estado do Pará. Este estudo caracteriza-se como qualitativo de cunho exploratório-descritivo, realizado através da coleta de dados por meio de entrevistas semi-estruturadas com os atores envolvidos na cadeia produtiva de açaí. Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. Os achados deste artigo evidenciam as interligações entre os elos que compõem a cadeia produtiva dentro do município, destacando a participação dos(as) agricultores(as) familiares no processo de produção, os agentes envolvidos na etapa de distribuição da cadeia, em que os atravessadores possuem certa predominância, e, por fim, o elo de beneficiamento, cujos responsáveis são a cooperativa, as agroindústrias e os batedores artesanais, chegando até os consumidores finais. Diante disso, conclui-se neste estudo que a cadeia produtiva evidenciou como o ambiente institucional permeia o desenvolvimento das atividades econômicas, dentro da base de produção, distribuição e beneficiamento, estabelecendo, assim, relações entre todos os agentes envolvidos na cadeia produtiva do açaí.

Palavras-chave: agricultura familiar; desenvolvimento regional; elos da cadeia produtiva; produção de açaí.

ABSTRACT

Due to its highly nutritional properties, health benefits, great cultural value and marketing potential, the açaí production chain has gained prominence in the national and international markets. The aim of this research is therefore to map and characterize the agents that make up the links in this production chain in the municipality of Concórdia, in the state of Pará. This study is characterized as a qualitative, exploratory-descriptive study, carried out by collecting data through semi-structured interviews with the actors involved in the açaí production chain. Content analysis was used to analyze the data. The findings of this article show the interconnections between the links that make up the production chain within the municipality, highlighting the participation of family farmers in the production process, the agents involved in the distribution stage of the chain, in which middlemen have a certain predominance, and, finally, the processing link, whose responsible parties are the cooperative, the agro-industries and the artisanal beaters, reaching the final consumers. The conclusion of this study is that the production chain has shown how the institutional environment permeates the development of economic activities within the production, distribution and processing base, thus establishing relationships between all the agents involved in the açaí production chain.

Keywords: family farming; regional development; links in the production chain; açaí production.

1 INTRODUÇÃO

O açaí, uma fruta típica da região amazônica, tem ganhado destaque no mercado nacional e internacional devido às suas propriedades nutricionais e aos benefícios que traz à saúde. A cadeia produtiva do açaí envolve diversas etapas, desde o cultivo até a comercialização, passando por colheita, processamento e distribuição. O entendimento de cadeias produtivas envolve estudos que buscam compreender a dinâmica que cerca o seu entorno, com destaque a culturas, valores e formulação de políticas públicas formando o ambiente institucional dentro de uma cadeia produtiva (Batalha, 2014).

A cadeia produtiva do açaí é formada por uma rede de atores econômicos que se estende desde as florestas, onde os açaizais nativos e plantados prosperam, até os consumidores finais, que buscam por esse fruto em mercados e estabelecimentos regionais, nacionais e internacionais (Almeida *et al.*, 2021). A cadeia produtiva do açaí envolve uma gama de atores atrelados às atividades fundamentais para o seu desenvolvimento, que de acordo com Tavares e Homma (2015), é composta por extrativistas, agricultores(as), órgãos de assistência técnica, cooperativas, atravessadores, agroindústrias de beneficiamento e batedores artesanais. Segundo Moraes e Mello (2022), o açaí está diretamente vinculado aos(às) agricultores(as) familiares, sendo a cadeia produtiva uma importante fonte de renda para eles(as), que estão envolvidos(as) diretamente no processo plantio, colheita, estocagem, beneficiamento e comercialização da polpa do fruto.

O Pará produziu 1,39 milhões de toneladas de açaí, o que representa 10,35% da produção agrícola do estado no ano de 2020 (SEDAP, 2020). De acordo com o censo agrícola, no ano de 2017, foram identificados 45.630 estabelecimentos rurais que cultivam 50 ou mais pés de açaí, com a sua maioria pertencente aos(às) agricultores(as) familiares, ribeirinhos, cuja maioria se localiza no estado do Pará, somando um total de 35.374 estabelecimentos (73,92%), seguido pelo Amazonas, com 8.495 (17,75%), pelo Amapá com 1.901 (3,97%) (IBGE, 2020a, 2020b).

Em 2020, de acordo com a Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAAEP), o Produto Interno Bruto (PIB) do Pará foi de R\$ 215,94 bilhões, passando a ocupar o 10º lugar entre os estados, ganhando uma posição em relação a 2019 (FAPESPA, 2021). Neste cenário, o estado do Pará é considerado o maior produtor mundial de açaí, tendo dobrado sua produção no período entre 2015 e 2019, tornando-se o maior exportador brasileiro,

seguido do Amazonas e Amapá (CONAB, 2019). O estado responde por cerca de 95% da produção de açaí no país, colocando o Brasil como o maior produtor e consumidor mundial, seguido de Estados Unidos, Japão e Austrália.

Pontos de extrema relevância na cadeia produtiva do açaí estão ligados à segurança alimentar da região Norte amazônica: os padrões de qualidade sanitária da produção da polpa do fruto para o consumo, assim como o incentivo a questões de sustentabilidade em âmbito local embasada nos princípios dos objetivos da agenda 2030 (Moraes; Mello, 2022). O açaí é um produto que tem conquistado popularidade não apenas por suas propriedades nutricionais, mas também pelo sabor característico e pelas características em sua preparação para ser comercializado e consumido pela população que aprecia esta iguaria regional.

A gestão eficaz da cadeia produtiva do açaí é fundamental para garantir sua sustentabilidade econômica, social e ambiental. Isso envolve uma análise de fatores organizacionais e institucionais que afetam seu desenvolvimento, tais como regulamentações governamentais, ações de associações de produtores, padrões de qualidade, estratégias de marketing, logística e outros fatores que podem permitir o desenvolvimento produtivo ou ser uma barreira no decorrer da cadeia produtiva (Cantuária *et al.*, 2022).

Posto isso, este trabalho busca contribuir para o estudo desta cadeia produtiva, considerada essencial para a região paraense e o Brasil, devido ao seu significativo impacto econômico e social. Além disso, pretende-se fornecer subsídios para compreender a influência do ambiente institucional na cadeia que é formada por uma diversidade de instituições, como o governo, associações, cooperativas, ONGs, órgãos de pesquisa, assistência técnica e instituições financeiras que influenciam diretamente a forma como os(as) agricultores(as), os intermediários e distribuidores atuam, bem como os fatores que asseguram sua sustentabilidade e potencial de crescimento, beneficiando agricultores(as) no âmbito local, nacional e global.

Neste contexto, é crucial entender como essas etapas da cadeia se interconectam para garantir a qualidade do produto final e a sustentabilidade da produção. Assim, é preciso compreender os fatores institucionais que influenciam no desenvolvimento desta cadeia produtiva no que se refere ao conjunto de normas, políticas, organizações e práticas culturais que asseguram as atividades sociais e econômicas dos agentes nela envolvidos.

Portanto, o objetivo desta pesquisa consiste em mapear e caracterizar os agentes que compõem os elos da cadeia produtiva do açaí no Nordeste paraense no município de Concórdia, estado do Pará.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITOS E COORDENAÇÃO DE CADEIAS PRODUTIVAS

O dado histórico para se entender questões ligadas à produção e distribuição de alimentos na agricultura brasileira com origem de produtos advindos do setor primário foi quando Ray Goldberg e John Davis trouxeram para estudo a definição do termo “*agribusiness*”, que, de acordo com os autores, quer dizer “a soma de todas as operações envolvidas com produção e distribuição de insumos agrícolas, as operações de produção, estocagem, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e os itens produzidos a partir deles” (Davis; Goldberg, 1957, p. 85).

A tradução mais eficiente do termo “*agribusiness system*”, associada ao estudo de cadeia produtiva, pode ser dividida em três macrosssegmentos; I – Complexo Agroindustrial (CAI); II – Cadeia Produção Agroindustrial (CPA); e III – Sistema Agroindustrial (SAI). A partir desses elementos, a compreensão da cadeia produtiva segue uma linha de atuação que vai desde a produção de matéria-prima, industrialização e comercialização de produtos provenientes de atividades realizados dentro do meio rural (Batalha, 1997).

São duas as abordagens teóricas notáveis para analisar os estudos sobre cadeia produtivas, a saber a Commodity System Approach (CSA) e a teoria *Filière*. A CSA concentra-se na produção e transformação das matérias-primas em produtos finais que chegam aos consumidores, enquanto a teoria *Filière* aborda a cadeia de produção de forma mais ampla, incluindo as operações dissociáveis, relações comerciais, fluxos de trocas e ações econômicas que específico do sistema (Prado *et al.*, 2021; Zylbersztajn; Neves; Caleman, 2015).

As cadeias produtivas, tanto na abordagem da CSA quanto na teoria *Filière*, envolvem uma complexa sucessão de operações interconectadas, com implicações comerciais, financeiras e econômicas. Isso destaca a necessidade de uma análise sistemática e abrangente que leve em consideração diversos fatores, incluindo aspectos tecnológicos, institucionais e comerciais (Zylbersztajn; Neves; Caleman, 2015). Neste sentido, a análise sistêmica, que abrange desde a seleção da matéria-prima até o consumidor final e inclui aspectos sobre instituições governamentais, mercados e relações comerciais, desempenha um papel crucial na identificação de oportunidades de cooperação e aprimoramento para o funcionamento de uma cadeia produtiva (Farina, 2000; Castro; Lima; Cristo, 2002).

A cadeia produtiva agrícola pode ser abordada de maneira associada aos agentes que atuam diretamente na construção de atividades que garantem a produção de uma cadeia de alimentos, fazendo parte de uma rede de componentes de garantia de fornecimento de ofertas de produtos ao consumidor final através da transformação de insumos (Batalha, 1997). Estudos sobre cadeias produtivas, como, por exemplo, da FAO (1994), entendem que é de extrema importância de levantamentos de análises sobre as mudanças que decorrem no que refere às cadeias produtivas nos últimos anos, sob uma perspectiva sistêmica para estabelecer estratégias competitivas. O Quadro 1 apresenta um resumo dos principais autores que conceituaram cadeias produtivas.

Quadro 1 – Utilização do conceito de cadeia produtiva

Farina e Zylbersztajn (1992)	“[...] Cadeia produtiva pode ser definida como um recorte dentro do sistema agroindustrial mais amplo, privilegiando as relações entre agropecuária, indústria de transformação e distribuição, em torno de um produto principal”.
Batalha (1997)	“[...] As cadeias produtivas são a soma de todas as operações de produção e comercialização que foram necessárias para passar de uma ou várias matérias-primas de base a um produto final, isto é, até que o produto chegue às mãos de seu usuário, seja ele um particular ou uma organização”.
Kupfer e Hasenclever (2002)	“[...] Cadeia produtiva é um conjunto de etapas consecutivas pelas quais passam e vão sendo transformados e transferidos os diversos insumos. Esta definição abrangente permite incorporar diversas formas de cadeias”.
Silva (2005)	“[...] Cadeia Produtiva, ou supply chain, de forma simplificada, pode ser definida como um conjunto de elementos (‘empresas’ ou ‘sistemas’) que interagem em um processo produtivo para oferta de produtos ou serviços ao mercado consumidor”.
Leite et al. (2010)	“[...] Uma cadeia produtiva tem como ponto central a indústria do produto em questão, a montante possui as atividades de suprimento e a jusante as de distribuição”.
Prado et al. (2021)	“[...] Cadeias produtivas envolvem a organização das etapas de produção, que vão desde a realização da produção até a comercialização, onde a matéria prima e o trabalho aplicado na sua transformação geram bens e/ou serviços, geralmente dentro de um território geograficamente definido”.

Elaborado pelos autores, 2024.

As conceituações e definições de cadeia produtiva variam em termos de ênfase, seja ela nas relações setoriais (Farina; Zylbersztajn, 1992), nas

abrangências das operações (Batalha, 1997), na flexibilidade de etapas (Kupfer; Hasenclever, 2002), na interação entre elementos (Silva, 2005), na centralidade da indústria (Leite *et al.*, 2010) ou na organização territorial (Prado *et al.*, 2021). As definições que cada autor traz para compreender a complexidade e abrangência das cadeias produtivas são cruciais para alocar dentro de determinados contextos e realidades.

2.2 AMBIENTE INSTITUCIONAL

O entendimento de cadeias produtivas envolve estudos que buscam compreender o ambiente que cerca o seu entorno, com destaque a culturas, crenças, valores e formulação de políticas públicas formando o ambiente institucional dentro de uma cadeia produtiva. North (1994, p. 13) descreve que instituições são regidas por regras formais, informais, (códigos de conduta, convenções e normas comportamentais), por meio de mecanismos que garantem a eficácia destas normas, impostas pelo ser humano em suas relações interpessoais.

No setor agropecuário brasileiro, o ambiente institucional desempenha diretrizes capazes de interagir junto ao ambiente organizacional visando desenvolver ações e práticas integradoras no ramo (Oliveira; Silva, 2012). O desenvolvimento de regras que visam à garantia e avaliação de atividades feitas por organizações responsáveis pelo monitoramento, fiscalização e pesquisa dentro do meio agropecuário, sejam estas organizações regionais, estaduais ou federais, auxilia também na prestação de assistência técnica através de políticas voltadas para as cadeias produtivas de diversos produtos oriundos da agricultura.

Nesse sentido, o ambiente institucional analisa as regras que guiam o desenvolvimento das atividades econômicas, dentro da base de produção, trocas e distribuições, estabelecendo, assim, relações pessoais entre semelhantes e com seu entorno (Williamson, 2000). O papel desempenhado pelas instituições transforma e afeta a economia, pois, segundo North (1999), instituições resultam da incerteza que surge das interações entre as pessoas, delimitam o ambiente das transações ocorrentes e conseqüentemente se organizam e representam a redução de incertezas dentro do contexto social.

Para o adequado funcionamento do ambiente institucional, os agentes devem estar em constante processo de transformação, cujos direcionamentos de uma cadeia produtiva estão ligados à identificação de mudanças necessárias às instituições e estratégias competitivas, dentro do ambiente organizacional

e tecnológico (Farina, 1999). O ambiente institucional tem garantia de ações e políticas que definem o desenvolvimento das organizações, na busca de reconhecimento dos envolvidos, centrada na tomada de decisão de economizar nas transações, visando eficiência na produtividade.

Ademais, o ambiente institucional diminui as incertezas capazes de gerar conflitos, segue em propensão favorável para que os indivíduos se sintam capazes e estimuladas a tomar decisões importantes no que se diz respeito ao seu contexto econômico e político (Dalla Valle; Dorr, 2020). Mudanças no cenário do mercado nacional e internacional têm levado as organizações, empresas, cooperativas e os agentes envolvidos na cadeia produtiva a visualizar a necessidade de se adaptar às condições impostas por um mercado globalizado e um ambiente cada vez mais competitivo e que muda constantemente. Desse modo, proporcionar um novo direcionamento para as tendências de mercado da cadeia produtiva (Dalla Valle; Dorr, 2022) pode também auxiliar no desenvolvimento de ações que tragam a cadeia produtiva uma maior oportunidade de desenvolvimento e competitividade.

3 MATERIAIS E MÉTODO

Para atender ao objetivo deste artigo, foi realizado um estudo qualitativo de cunho exploratório-descritivo e um estudo de caso intrínseco único, pois o interesse reside no caso em si (Gil, 2010), no município de Concórdia do Pará, região situada na mesorregião nordeste paraense do estado, microrregião de Tomé-Açu, que faz divisa ao norte com o município de Bujaru e ao sul com o município de Tomé-Açu. Nesta região, de acordo com IBGE (2021), o número de estabelecimentos agropecuários que produzem açaí chegou a 577 estabelecimentos, produzindo uma quantidade de 1.883 toneladas de frutos de açaí.

Para a coleta de dados, inicialmente os dados foram obtidos por meio de revisão em livros, revistas científicas, relatórios oficiais e sites eletrônicos. Optou-se por uma revisão bibliográfica, bem como foram coletados dados secundários de instituições oficiais, tais como a Secretaria do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca (SEDAP) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que agregam informações sobre variáveis importantes em termos de cadeia de produção agrícola, como quantidade produzida, área colhida, valor bruto da produção e preços pagos a produtores. Em termos de informações recentes, estão entre as principais fontes de dados que trazem dados acerca da cadeia produtiva do açaí.

No segundo momento, a coleta dos dados foi realizada por meio de observação direta e um roteiro de entrevistas semiestruturadas, compostas de perguntas abertas e fechadas de livre resposta. A observação direta, segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013, p. 419), requer uma imersão profunda no contexto local, com envolvimento e reflexão constantes sobre os detalhes e interações. As entrevistas foram gravadas com auxílio de um gravador e transcritas no *Microsoft Word* para fins de análise de conteúdo com os seguintes agentes representantes da cadeia produtiva do açaí dentro do município de Concórdia (Tabela 1). Nesta etapa, o entrevistado pode contribuir de forma clara e direta a respeito da cadeia produtiva do açaí dentro da região.

Tabela 1 – Demonstrativo dos agentes envolvidos na pesquisa

N	Entrevistados	Agentes	Instrumento de coleta	Técnicas de análise
20	A	Agricultores(as) Familiares	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevista / • Observação direta/ • Diário de Campo • Documentação Indireta: documentos e bibliografia 	Análise de conteúdo
1	B	Agroindústria;		
1	C	Batedores Locais		
1	D	Cooperativa (C.A.M.T.A)		
1	E	Emater-PA		
1	F	Adepará		
1	G	Semagri		
1	H	Semma		
1	I	Banco da Amazônia (Basa)		
1	J	Consumidor Final		

Fonte: Elaborada pelos autores, 2024.

As entrevistas junto aos(as) agricultores(as) foram realizadas em fevereiro de 2023, com cinco (5) órgãos públicos de extensão, três (3) organizações de acesso ao mercado, vinte (20) agricultores(as) familiares e um (1) consumidor final, representando um total de vinte e nove (29) entrevistados, em que se obteve, em média, 60 minutos de duração em cada entrevista. Posteriormente, as respostas foram transcritas para o formato *Word*, utilizando a fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento entre linhas de 1,5 centímetros. No total, as transcrições alcançaram 38.760 palavras, distribuídas em 61 páginas no formato A4.

As informações alcançadas por meio das entrevistas foram submetidas a uma análise de conteúdo, conforme definido por Bardin (2016, p. 38), que descreve tal abordagem como um “conjunto de técnicas para analisar comunicações, empregando procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever o conteúdo das mensagens”. Todas as informações coletadas

em entrevista foram transcritas, lidas, relidas e organizadas em categorias definidas a priori. A partir da realização da transcrição das entrevistas feitas em campo, organizou-se o acervo de material a ser analisado com o objetivo de sistematizar as ideias iniciais.

Em seguida, foram definidas as categorias de análise que destacam e sintetizam informações pertinentes para responder ao que o estudo se propôs. Diante disso, as seguintes dimensões foram criadas conforme mostra o (Quadro 2), descrevendo suas principais características específicas.

Quadro 2 – Categoria de análise

Categories	Dimensões	Descrição	Autores
Cadeia Produtiva	Elo de produção	O sistema de produção do açaí, seja este extrativista, manejado ou cultivado, e que os atores utilizem recursos para aprimoramento da produção.	Lopes <i>et al.</i> (2021)
	Elo de distribuição	O acesso ao mercado interno e externo, a logística de transporte e a interação com o consumidor final.	Bezerra, Silva e Damasceno (2016); Bentes, Homma e Santos (2017)
	Elo de processamento	O beneficiamento do fruto açaí, realizada pelos “batedores” artesanais e pelos processadores industriais.	Tagore, Monteiro e Canto (2019)

Elaborado pelos autores, 2024.

Cada elo representante da cadeia produtiva do açaí possui um papel crucial, começando pela produção (que se inicia desde o plantio até a colheita dos frutos), passando pelos elos da distribuição (que garantem a movimentação dos frutos até os locais de processamento), e chegando ao elo de beneficiamento (que se encarrega de lavar, despolar e embalar o açaí), e, por fim, culminando na ligação entre os produtos finais e o mercado consumidor, seja este local ou internacional, assegurando que o açaí chegue fresco e pronto para consumo.

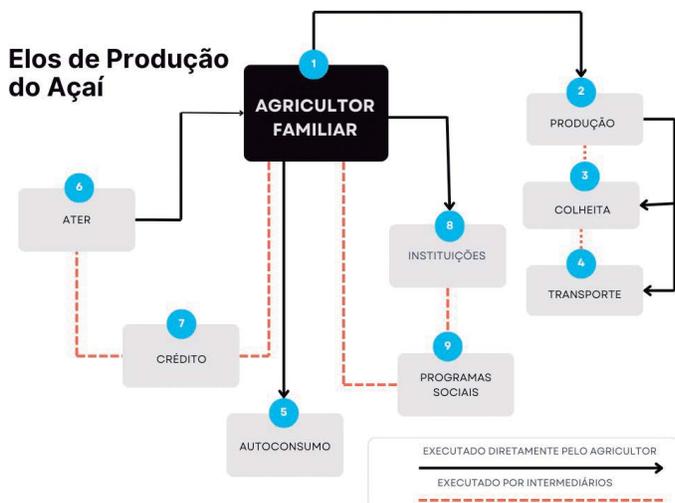
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 ELOS DE PRODUÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DO AÇAÍ NO MUNICÍPIO DE CONCÓRDIA DO PARÁ

A partir dos dados da pesquisa, construiu-se um fluxograma dos elos da cadeia produtiva do açaí indicando suas conexões e interrelações entre

os agentes (A, B, C, D, E, F...), os quais atuam desde a produção do fruto do açaí dentro do município (Figura 1). Dados semelhantes foram obtidos na pesquisa de Tagore, Monteiro e Canto (2019), no estudo de campo realizado com os ribeirinhos dos PAE's do município de Abaetetuba, Pará, em que um fluxograma foi feito contendo as principais características da cadeia produtiva do açaí, a partir da produção, comercialização e do beneficiamento.

Figura 1 – Fluxograma dos Elos de produção da Cadeia produtiva do açaí no município de Concórdia-PA



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

O elo de produção está representado pelo(a) agricultor(a) familiar (AF), que desempenha um papel crucial dentro da cadeia produtiva. No que se refere ao gênero dos(as) agricultores(as) entrevistados, revela-se uma predominância de 85% do sexo masculino, enquanto apenas 15% são do sexo feminino, demonstrando que a participação dos homens no cultivo de açaí é maior do que as mulheres, dado comprovado no estudo de Farias (2012), em que o número de homens é maior do que o de mulheres nas atividades de produção de açaí, evidenciando a persistência de uma divisão de gênero no mundo rural.

A predominância do sexo masculino aparece em atividades produtivas mais visíveis, como o cultivo e a colheita, enquanto as mulheres muitas vezes são relegadas a tarefas menos reconhecidas, como o beneficiamento ou o trabalho doméstico. Por conta disso, muitas mulheres acabam saindo da zona rural para trabalhar em casas de famílias na zona urbana dos municípios (Silva *et al.*, 2016).

Em relação à idade dos(as) agricultores(as), pode-se notar que a faixa etária varia entre 30 a 80 anos, demonstrando que a idade média dos(as) agricultores(as) é de 50 anos, o que revela o envelhecimento no campo e na agricultura familiar, reflexo do processo de migração dos jovens para áreas urbanas em busca de melhores oportunidades de emprego e educação. Dado este constatado por Almeida *et al.* (2021a, 2021b) junto aos(as) agricultores(as) nas comunidades rurais do município de Igarapé-Miri, Pará, acerca do perfil socioeconômico da produção de açaí manejado, onde a falta de renovação gerencial e de políticas que incentivem a permanência de jovens no campo contribui para o envelhecimento da mão de obra rural, colocando em risco a sustentabilidade da agricultura familiar.

O nível de escolaridade dos(as) agricultores(as) oscila entre analfabetismo e segundo grau completo, em suma, a maioria possui o ensino fundamental completo. O estudo feito por Souza, Silva e Souza (2019) encontrou dados similares no município de Feijó, onde a maioria dos(as) agricultores(as) possui ensino fundamental, caracterizando assim que o nível de escolaridade é baixo e revelando uma realidade comum na zona rural: o fato de estar ser uma atividade de pouca capacitação.

O(a) agricultor(a) é, na maioria dos casos, o gerenciador de seu estabelecimento e responsável pela condução de todo o trabalho junto de sua família no manejo da área de produção do açaí. Destaca-se que dentro de todo o gerenciamento da cadeia produtiva do açaí, a tradição desta atividade na vida de cada agricultor(a) familiar é destinar uma pequena parte da colheita dos frutos para o consumo familiar (autoconsumo). Almeida *et al.* (2021), em seu estudo, mostraram que o açaí é um alimento que faz parte da dieta alimentar de diversas famílias na região paraense.

O trabalho no campo e a atividade de produção, beneficiamento e comercialização de açaí exigem políticas e recursos necessários para que o(a) agricultor(a) tenha acesso ao crédito rural, proveniente do Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), em grande parte disponibilizado pelo banco da Amazônia dentro do município, e também pelo Banco do Brasil, pelo Sicredi, dentre outros que oferecem este serviço financeiro ao(à) agricultor(a).

As instituições públicas (INSTIT) que são parte constituinte da cadeia produtiva do açaí na região, como EMATER-PA, ADEPARÁ-PA, SEMAGRI,

SEMMA e BASA, desempenham um papel fundamental na promoção de ações de fomento que conectam os(as) agricultores(as) familiares às políticas públicas externas para a geração de renda e inclusão social. Programas sociais (PROG. SOCIAIS) como Bolsa Família, PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), e também o acesso a mercados institucionais, PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e crédito fundiário, dentre outros programas, seja das esferas nacional, estadual ou municipal.

O serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) prestada ao(as) agricultor(as) familiares, seja via empresas ou instituições, como no caso da EMATER e ADEPARÁ, tem como objetivo realizar visitas técnicas aos estabelecimentos rurais, onde são feitas orientações e o cadastro dos sistemas produtivos, trazendo aprimoramento às práticas agrícolas e buscando integrar os(as) agricultores(as) às políticas públicas e tecnologias adequadas, garantindo a promoção do desenvolvimento local e das famílias no campo.

No estudo realizado por Castro (2015), foram apontadas deficiências na assistência técnica prestada por instituições públicas, destacando-se a insuficiência no quantitativo de técnicos. Os escritórios locais contam apenas com 2 ou 3 técnicos para prestar orientações, fato este visualizado dentro do município de Concórdia.

Essa deficiência na falta de ATER é ocasionada por um agravante inferido pelo baixo nível de capacitação que os(as) agricultores(as) possuem. Na busca de sanar estes entraves, os(as) agricultores(as) realizam plantio em consórcio com outras espécies dentro da mesma área, na tentativa de sanar entraves desempenhados no trabalho com monocultivos. No estudo feito por Campos *et al.* (2022) no município de Tomé-Açu, evidenciou-se que essa é uma das características intrínsecas dos agricultores da região trabalham com Sistemas Agroflorestais (SAF's), onde o açaizeiro é a cultura principal dando possibilidade de renda extra.

As atividades realizadas pelos(as) agricultores(as) na produção de açaí envolvem cuidados essenciais com a área de cultivo. Mais precisamente, estas atividades consistem em limpar e roçar a área, raleiar¹ a vegetação

¹ *Raleiar* é uma prática agrícola que consiste em eliminar plantas ou partes em excesso para permitir um melhor desenvolvimento das sobras, garantindo maior espaçamento e

retirando plantas indesejáveis do local de plantio e realizar o desbaste de touceiras mantendo de 3 a 4 estipes por touceira. É importante garantir que o espaçamento entre plantas não seja excessivamente adensado: o espaçamento convencional do açaí costuma variar entre 5 x 5 metros ou 6 x 6 metros. O adensamento começa quando esse espaçamento é reduzido para cerca de 3 x 3 metros ou até 2,5 x 2,5 metros. Dessa forma, evita-se a competição entre as plantas, garantindo uma boa produtividade do fruto.

A produção (P) de açaí exige do(a) agricultor(a) atividades como o preparo da área para o plantio, o transplante das mudas selecionadas do viveiro ao local definitivo, o plantio da muda na área, adubação, e alguns casos, o manejo da irrigação das mudas de açaí. De acordo com Almeida *et al.* (2021), nestas atividades, o trabalho é realizado principalmente por meio da mão de obra familiar, em colaboração com o grupo familiar ou mutirões coletivos de agricultores.

O(a) agricultor(a) realiza a colheita (C) de forma típica, por meio de uma técnica tradicional, baseada no conhecimento local, transmitido de geração em geração pelas famílias ribeirinhas amazônicas. Esta prática, profundamente enraizada na cultura e na vivência local, reflete o protagonismo dos(as) agricultores(as) familiares na cadeia produtiva do açaí, ressaltando a importância de reconhecer e valorizando o saber das comunidades no campo que contribuem de maneira essencial para manutenção e vitalidade essa produção.

De acordo com Tavares e Homma (2015), na região o açaí é colhido manualmente com auxílio de uma peconha² com a qual se sobe na palmeira de açaí para se fazer a coleta dos cachos de frutas, deixando o chão recoberto com uma lona³ para que nenhum fruto se perca durante a retirada. Após a coleta, é feita a debulha⁴ no próprio ponto de colheita, alocando os frutos dentro de cestos de palha ou plástico.

eficiência na produção.

² *Peconha* é uma tira confeccionada com as folhas da palmeira enroladas e amarradas sob a forma de aro. Podem utilizar também sacos de fibra sintética, ao custo de R\$1,00 cada saco.

³ *Lona* de colheita é uma lona ampla de plástico usada para cobrir o solo durante a colheita do açaí, evitando que os frutos toquem no chão, facilitando sua coleta e mantendo a limpeza dos frutos.

⁴ *Debulha* refere-se à retirada manual ou mecânica dos frutos do cacho, uma prática comum no processamento de açaí para separá-los do pedúnculo e prepará-los para o processamento posterior.

Os fatores relacionados ao clima, como chuva e sol, influenciam o processo de colheita e armazenamento dos frutos, e, por isso, é preciso ter cuidado nesse processo, pois o fruto é altamente perecível após a colheita. A sazonalidade do açaí está relacionada ao clima equatorial úmido da região, de modo que a época de colheita normalmente vai de agosto a dezembro e a entressafra vai de janeiro a julho. Aspectos relacionados a perecibilidade, armazenamento, contaminação, sazonalidade e transporte têm sido relatados como fatores de risco para a interrupção da cadeia produtiva do açaí.

O transporte (T) dos frutos colhidos é realizado majoritariamente de duas maneiras, pelo(a) agricultor(a) familiar ou por intermediários, o que pode trazer implicações econômicas e sociais na cadeia produtiva. Na primeira, o(a) agricultor(a) familiar que faz a entrega aos pontos de vendas que compram o fruto *in natura*, como batedores, agroindústrias e cooperativas, tende a obter maior controle sobre o preço de venda e maior participação nos lucros, isso fortalece sua autonomia e o vínculo direto com o mercado, valorizando o papel do(a) agricultor(a) na cadeia produtiva.

Na segunda, ele realiza a entrega a intermediários que irão fazer essa ponte direta com os principais locais de vendas da região que compram o fruto em grandes quantidades. Há uma tendência de o(a) agricultor(a) receber um valor inferior pelo fruto, já que os intermediários compram a produção por preços mais baixos para revender com margem de lucro. Muito embora essa prática possa ser mais conveniente para alguns(algumas) agricultores(as), especialmente para aqueles(as) com limitação logística, ela pode reduzir a visibilidade e o protagonismo do(a) agricultor(a) familiar na cadeia produtiva e diminuir seu poder de negociação.

A logística de transporte para muitos(as) agricultores(as) familiares de Concórdia do Pará e demais regiões paraenses, que dependem de balsas e barcos para atravessar o rio e chegar a outros municípios ou Belém do Pará a capital do estado, é desafiadora. Para superar isso, melhorias em infraestruturas como estradas e travessias fluviais poderiam facilitar o escoamento da produção, além de explorar novos mercados mais próximos, como municípios vizinhos, feiras livres, a criação de cooperativas e parceria com redes de distribuição locais também pode ajudar os(as) agricultores(as) a acessar mercados regionais de maneira mais eficiente.

No estudo feito por Cantuária *et al.* (2022), apontou-se que a logística é um risco eminente na cadeia do açaí, uma vez que os municípios produtores enfrentam dificuldades para escoar suas produções, não possuindo estradas asfaltadas, inviabilizando que agricultores(as) possam realizar as vendas dos frutos e agroindústrias possam fazer a compra do produto. Esta realidade é enfrentada pelos(as) agricultores(as) do município de Concórdia, que estão no interior a uma certa distância do centro e enfrentam desafios para se deslocar e conseguirem efetuar suas vendas.

4.2 ELOS DE DISTRIBUIÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DO AÇAÍ NO MUNICÍPIO DE CONCÓRDIA DO PARÁ

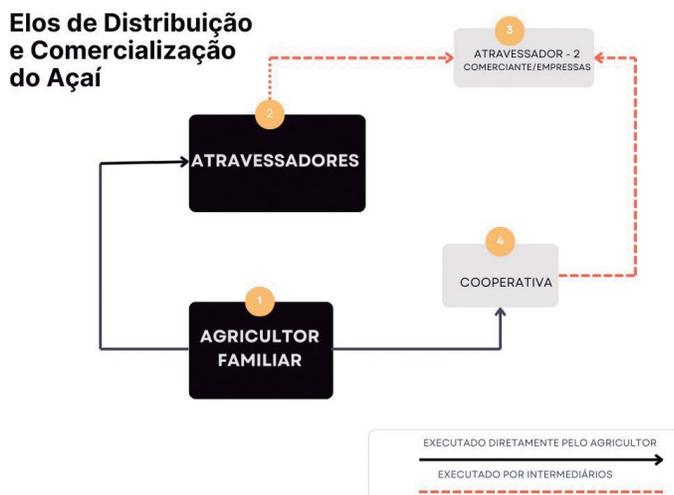
O processo de distribuição e comercialização é determinante dentro da perspectiva da crescente demanda de consumo do fruto. O relatório realizado pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB, 2020) mostrou que o mercado de açaí ao longo dos anos vem passando por uma expansão alcançando novos mercados. O estudo de Ximenes *et al.* (2020) apresentou a atividade de comercialização do açaí como sendo a que mais contribui na renda mensal dos agricultores que atuam na atividade. Como mencionado pelo entrevistado F durante a realização da entrevista:

O açaí se tornou uma importante fonte de renda para os produtores, e o estado demonstra interesse, pois agora é um produto de exportação. A necessidade de rastreabilidade é fundamental, pois garante a segurança alimentar e a qualidade do produto. Embora o cadastramento dos produtores seja um desafio, especialmente para aqueles que produzem até trezentos quilos, é essencial para fortalecer essa cadeia produtiva.⁵

A etapa de comercialização tem início, em muitos dos casos, no estabelecimento do agricultor, ou seja, o(a) próprio(a) agricultor(a) familiar (AF) realiza a colheita e debulha os frutos dentro de latas ou cestos, utensílios que, como relatado por Homma *et al.* (2006), proporcionam aeração, facilitando o transporte dos frutos *in natura* aos pontos de venda e distribuição. A Figura 02 representa o fluxo de distribuição do açaí no município de Concórdia do Pará, destacando as interações entre os principais elos envolvidos.

⁵ Informação concedida pelo Entrevistado F, em Concórdia do Pará, no dia 17 de fevereiro de 2023.

Figura 2 – Fluxograma dos elos de distribuição da Cadeia produtiva do açaí no município de Concórdia-PA.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

As negociações são feitas à vista no ato da compra da matéria prima, e o pagamento é em espécie/dinheiro com acordos de confiança entre ambas as partes envolvidas no momento da venda dos frutos. Nesse processo, o comprador detém o poder de barganha, trocas e valores a serem acertados no momento da compra, o que faz com que os(as) agricultores(as) familiares percam poder de negociação e enfrentem dificuldades para obter lucros satisfatórios. Para evitar essa situação, a organização em cooperativas pode fortalecer o poder de negociação dos(as) agricultores(as). O acesso à informação de mercado, capacitação e políticas públicas de apoio são essenciais para garantir maior autonomia e visibilidade.

Sendo uma cultura sazonal, a demanda do fruto oscila nos períodos da safra e entressafra, tornando elástico o preço pago no produto. Enquanto os baixos valores são pagos no período da safra por consequência da alta oferta do produto, a demanda do produto no período de entressafra eleva os valores pagos, por se tratar de um período de pouca oferta. Um(a) agricultor(a) familiar, Entrevistado A, diz o seguinte a esse respeito:

Agora, estamos em um período de entressafra. Durante uma safra, eu colho cerca de 200 latas de açaí por dia. Na entressafra, colhemos cerca de 26 latas por semana, o que ainda é um bom rendimento,

considerando que o preço está mais alto neste período. Já cheguei a vender uma lata de açaí por R\$ 80,00.⁶

Os mercados são geralmente competitivos, e os(as) agricultores(as) familiares enfrentam concorrência de diversas formas. Primeiro, competem com agricultores(as) da mesma região ou de outras áreas de produção. Além disso, nos deparamos com o poder de barganha de compradores e fornecedores (Neves; Caleman, 2015). A forma como compradores e vendedores interagem, trocam informações (especialmente preços) e negociam depende em grande parte da estrutura do mercado. Em geral, um pequeno número de compradores e uma baixa diferenciação dos produtos significam que os(as) agricultores(as) têm baixo poder de negociação, o que afeta sua rentabilidade.

Uma estratégia eficaz para reverter o baixo poder de negociação causado pela diferenciação dos produtos é agregar valor à produção, isso pode ser feito por meio da certificação de qualidade, como selos orgânicos ou de origem geográfica, processamento do açaí para venda em polpa ou diversificação dos derivados do fruto, como óleos, cosméticos e artesanatos. Conforme observa o entrevistado H na pesquisa:

Se você trabalhar uniforme e [...] todo mundo unido, fazendo um trabalho com um bom resultado, acho que o agricultor alcança uma boa qualidade de produção, né? [...] Um produto diferenciado, por exemplo, que ele vende, quando chega lá, é sucesso rapidinho, porque é uma coisa nova. Mas se for só açaí, aí você já não consegue, é concorrência. [...] Aí o cara diz: ‘vende mais barato que eu compro de ti’, aí o produto perde muito.⁷

Uma característica de destaque dentre muitos(as) agricultores(as) familiares do município de Concórdia que produzem açaí e outras espécies frutíferas é de que os canais de comercialização são dominados por atravessadores (AT). Dado este constado por Almeida *et al.* (2021) como sendo uma situação específica da região e que conduz a uma autonomia relativamente baixa dos(as) agricultores(as) em relação ao processo de comercialização dos seus produtos produzidos em seus estabelecimentos familiares. Este fato é explicado principalmente por problemas logísticos, de transporte e de distribuição.

A presença do atravessador, agente que realiza negociações de venda

⁶ Informação concedida pelo Entrevistado A, em Concórdia do Pará, no dia 21 de fevereiro de 2023.

⁷ Informação concedida pelo Entrevistado H, em Concórdia do Pará, no dia 17 de fevereiro de 2023.

dentro de seus interesses, uma vez que lança mão de processos burocráticos e regulatórios para se manter como um meio acessível dentro do mercado através da relação de confiança e proximidade com os(as) agricultores(as) familiares. Os estudos levantados por Renting, Marsden e Banks (2017) relatam que a venda dos produtos a atravessadores se enquadra como a forma de comercialização mais frequente entre as regiões, no caso do Nordeste, Norte, sudeste e Centro-oeste. Este contexto aponta para uma dependência dos(as) agricultores(as) para com esses agentes para inserirem seus produtos no mercado.

Segundo Martins e Sonáglio (2019), considerando o risco inerente às ações dos agricultores, tanto para sua permanência individual quanto como parte de um coletivo no meio rural, é claro que, para evitar negociações desfavoráveis que resultem em prejuízos significativos, muitos optam por manter uma garantia. Nesse sentido, a venda de suas colheitas de açaí para atravessadores é vista como uma opção segura, devido à confiança estabelecida nessas relações, mas que, no entanto, a integração em organizações sociais coletivas e a participação em mercados institucionais e feiras poderiam contribuir significativamente para fortalecer a relação entre produtores e consumidores, oferecendo alternativas mais justas e transparentes. Essas formas de comercialização permitem que os(as) agricultores(as) familiares ampliem suas oportunidades de venda, evitando a dependência dos atravessadores e garantindo maior valorização de seus produtos.

Outro fato considerado promissor e uma grande oportunidade vem a ser o surgimento de integrações com associações e cooperativas, que podem auxiliar de forma direta e estratégica no processo de distribuição e comercialização do açaí através de agrupamentos de agricultores(as) por meio de interesses comuns. Essas instituições viabilizam conexões entre os atores da cadeia, fortalecendo os vínculos e fornecendo acesso à informação. Dessa forma, são geradas oportunidades comerciais que os(as) agricultores(as) de forma individual não conseguem acessar, permitindo que eles saiam de um contexto marginalizado e se posicionem como protagonistas em seu processo de produtivo (Ribeiro *et al.*, 2021).

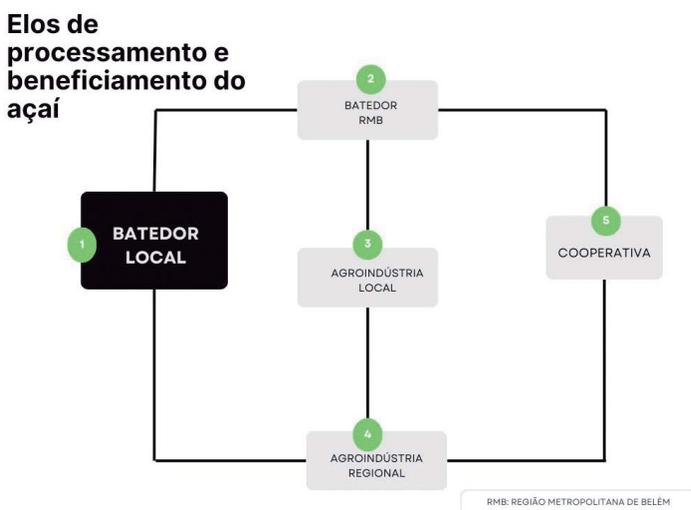
A presença de cooperativas locais que atuam no processo de distribuição e comercialização de frutas in natura na região de Concórdia é escassa. A cooperativa mais próxima fica na cidade vizinha chamada Tomé-Açu, a uma distância de 132,0 km do município de Concórdia. Conhecida como “Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu” (CAMTA), busca agregar agricultores de municípios vizinhos na busca de obter um número expressivo

de matéria-prima que viabilize o atendimento do seu mercado regional, nacional e internacional.

4.3 ELOS DE PROCESSAMENTO E BENEFICIAMENTO DA CADEIA PRODUTIVA DO AÇAÍ NO MUNICÍPIO DE CONCÓRDIA DO PARÁ

O procedimento de beneficiamento do açaí em polpa dentro da região consiste no envolvimento de numa gama de agentes que realizam esta atividade para que o produto chegue até o consumidor final. A Figura 03 apresenta os principais elos da cadeia produtiva do açaí, responsáveis pelas etapas de processamento e beneficiamento da fruta. Esses agentes, embora independentes e não necessariamente conectados de forma fixa, cumprem a função de receber os frutos para processá-los e prepará-los para a comercialização.

Figura 3 – Fluxograma dos elos de beneficiamento da Cadeia produtiva do açaí no município de Concórdia-PA



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

O açaí destina-se à venda em forma de polpa para consumidores locais, revendedores equipados com máquinas despulpadoras, os chamados “batedores de Açaí” (BATEDOR LOCAL), os quais realizam o preparo de maneira tradicional. Este procedimento envolve a utilização de um cilindro vertical com uma haste giratória horizontal e uma peneira na parte inferior, na qual fruta é inserida na abertura superior do cilindro e a água é adicionada

em porções a critério do operador.

Segundo Araújo e Souza Filho (2018), o processamento do açaí em pequena escala, especialmente em áreas rurais e por pequenos produtores, muitas vezes não segue as normas sanitárias impostas pelas secretarias de saúde dos governos locais. Esse descumprimento ocorre, muitas vezes, devido à falta de infraestrutura adequada e à deficiência de conhecimento técnico sobre os procedimentos de higiene necessários. A ausência de práticas corretas de beneficiamento e processamento do açaí aumenta significativamente o risco de contaminação do produto, especialmente por microrganismos contratados como o *Trypanosoma cruzi*, causador da Doença de Chagas (Dias *et al.*, 2016).

Isso pode gerar sérios problemas com a vigilância sanitária, que tem a responsabilidade de garantir a segurança alimentar e evitar surtos de doenças, além de comprometer a reposição do produto no mercado. A capacitação técnica e o incentivo à adequação das práticas sanitárias são fundamentais para mitigar esses riscos e garantir a qualidade e a segurança do açaí comercializado (Silva *et al.*, 2017; Ribeiro *et al.*, 2021).

O órgão de defesa sanitária (ADEPARÁ) atua realizando o cadastramento e a inspeção dos pontos de processamento e venda de açaí. O Entrevistado F argumenta o seguinte acerca da atuação do órgão juntos aos(as) agricultores(as) familiares no município:

A ADEPARÁ desempenha um papel fundamental na cadeia produtiva do açaí ao realizar o cadastramento e a inspeção dos pontos de processamento e venda do produto. Essa atuação garante a conformidade com as normas sanitárias e a rastreabilidade do açaí através da GTV (Guia de Trânsito de Vegetais), contribuindo para a qualidade e segurança alimentar, além de fortalecer a estrutura de mercado para os agricultores da região.⁸

Os estabelecimentos que realizam este processo, tais como batedores locais, agroindústria local e regional, precisam estar adequados às normas legislativas prescritas pelo órgão vigilante, possuindo instalações corretas, equipamentos e maquinários que estejam de acordo com os padrões estabelecidos para o seu funcionamento.

De acordo com Fernandes *et al.* (2020), ainda existem falhas e ameaças quanto à manipulação adequada do fruto, de modo que os estabelecimentos locais de processamento e beneficiamento de açaí precisam trabalhar de acordo com as normas de higiene e saúde e possuir toda a documentação

⁸ Informação concedida pelo Entrevistado F, em Concórdia do Pará, no dia 17 de fevereiro de 2023.

necessária exigida pelo órgão de defesa sanitário do município, aumentando a segurança, proteção e confiabilidade do produto.

A agroindústria “Nosso Sabor *Fruit*” é a empresa processadora de Açaí *in natura* (AGROIND. LOCAL) no município de Concórdia do Pará, realizando a compra dos frutos diretamente dos(as) agricultores(as) da região. Observa-se que, conforme o relato do Entrevistado B na pesquisa:

[...] o açaí, por ser um produto de safra sofre um descompasso entre a oferta e a demanda, o que causa certa vulnerabilidade no momento de adquirir os frutos dos agricultores da região, o que de algum modo prejudica a produção aqui na agroindústria, porque a colheita está intimamente ligado ao período de safra à entressafra do fruto.⁹

Ademais, dentre os principais processadores industriais de frutos *in natura* na região, destaca-se a Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (CAMTA), pioneira no beneficiamento de polpa de frutas. A referida cooperativa oferta uma grande variedade de produtos para o mercado nacional e internacional devido à flexibilidade de acesso aos canais de comercialização. Além da implementação de um sistema de rastreabilidade, possui certificações como a *USDA Organic*, *Agric. Orgânica*, *Kosher* e *JAS*. Possui 172 associados e mais de 1.800 agricultores(as) familiares cadastrados(as) como fornecedoras(as) de matérias-primas, incluindo não apenas o açaí, mas também outras culturas, como cupuaçu, maracujá, cacau, acerola e pimenta do reino, dentre outras.

A produção também chega a uma fábrica de processamento artesanal em Belém (BATEDOR DA RMB), onde a polpa do açaí é produzida e vendida à população local. Um dos grandes centros comerciais populares da capital de Belém fica localizado no bairro Campina, no litoral da Baía de Guajará, popularmente conhecido como mercado “Ver-o-Peso”, e representa uma feira onde se pode se saborear o “Peixe Frito com Açaí”, um dos símbolos da gastronomia nortista que existe há 400 anos em Belém.

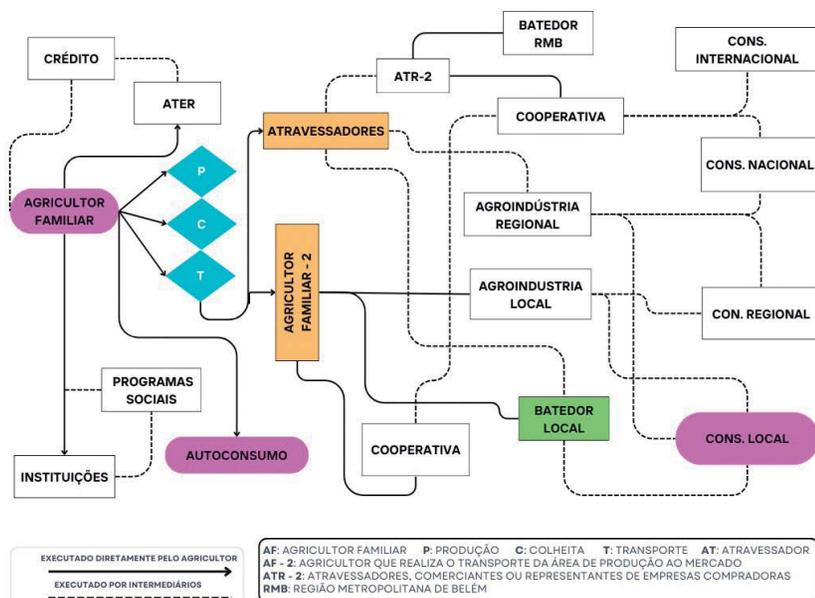
Conforme Santana *et al.* (2012), o beneficiamento do fruto tem o poder de agregar forças econômicas entre estabelecimentos locais e regionais, através da diversificação do produto em polpas, geleias, compotas, mixes (misturados com outras frutas), sorvetes, podendo atrair os consumidores locais, consumidores regionais, consumidores nacionais e/ou consumidores internacionais.

⁹ Informação concedida pelo Entrevistado B, em Concórdia do Pará, no dia 11 de março de 2023.

4.4 FUNCIONAMENTO DA CADEIA PRODUTIVA DO AÇAÍ NO MUNICÍPIO DE CONCORDIA DO PARÁ

A cadeia produtiva do açaí em Concórdia do Pará envolve uma rede de agentes e atividades, como evidenciado no fluxograma (Figura 4).

Figura 4 – Fluxograma da Cadeia produtiva do açaí no município de Concórdia-PA



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

No centro, o(a) agricultor(a) familiar desempenha o papel fundamental na produção, colheita e transporte dos frutos, em que parte da produção é destinada ao autoconsumo, refletindo a importância do açaí para a subsistência das famílias locais. O restante é comercializado através de um sistema que inclui diversos intermediários, como atravessadores e cooperativas, que canalizam o açaí para agroindústrias regionais e locais. Estes intermediários, em conjunto com os batedores locais e regionais, garantem a distribuição do produto para mercados locais, regionais, nacionais e até internacionais.

Mesmo diante da crescente demanda pelo açaí, e da produção atualmente atender consumidores em esferas nacional e internacional, ainda é extremamente grande a demanda e destinação para o mercado regional, na região metropolitana de Belém, o mercado do “Ver-o-Peso”, um dos maiores centros comerciais que agrega turistas e apreciadores de açaí.

De acordo com Tagore, Monteiro e Canto (2019), a importância e o papel das feiras livres e comércios locais na disseminação de culturas, tradições, saberes e sabores a serem apreciados pela comunidade local agregam valor à produção de cada agricultor(a) de açaí, atraindo o consumidor final.

Nesta pesquisa, os consumidores finais são identificados e denominados de consumidores locais (CONS. LOCAL) para a região de Concórdia-PA; consumidores regionais (CONS. REG.) dentro de um estado; consumidores nacionais (CONS. NAC.) para outros estados; e finalmente, de consumidores Internacional (CONS. INTER.) para outros países.

No mercado brasileiro, o açaí é consumido principalmente como uma bebida energética, de acordo com Freddo (2018). Enquanto o consumo na região amazônica é tradicionalmente acompanhado de farinha de mandioca, tapioca e proteínas como peixes e camarão salgado, em outras regiões do Brasil difere bastante do modo tradicional observado no Pará e em outros estados amazônicos, sendo servido amplamente como “açaí na tigela” — uma mistura congelada de polpa de açaí adoçada com xarope de guaraná e acompanhada de frutas, granola, mel, entre outros ingredientes (Gammarano *et al.*, 2023).

O açaí ultrapassou as fronteiras culturais locais e ganhou relevância nos mercados, a forma de consumo transformou o açaí em uma potência econômica, em que a diversidade de subprodutos advindos do fruto possibilita a produção de uma gama de novos produtos, como sorvetes, licores, doces, néctares, geleias, além de cosméticos e bebidas energéticas, e ainda viabiliza o aproveitamento dos caroços e da palha (Vieira *et al.*, 2018). Desta forma, agregando valor ao produto, o cenário de produção reverbera possibilidades de desenvolvimento e sobrevivência de muitos(as) agricultores(as) familiares que fazem desta atividade sua renda e sustento familiar.

5 CONCLUSÕES

O estudo teve como principal objetivo realizar o mapeamento da cadeia produtiva do açaí dentro do município de Concórdia do Pará, buscando compreender os elos presentes que atuam no desenvolvimento e na manutenção da cadeia produtiva. Entendeu-se como as relações e elos existentes na cadeia estão interligados e seus devidos papéis nos processos e ações diante das influências internas e externas. Compreendeu-se, assim, a necessidade de melhorar a troca de informações e desenvolver projetos e ações.

A produção de açaí é uma atividade predominantemente praticada por agricultores(as) familiares, sendo o meio de autoconsumo das famílias que vivem no município. Trata-se de um dos produtos agrícolas mais importantes do estado do Pará. Portanto, para contribuir efetivamente para o PIB do estado, as políticas públicas devem continuar a fornecer subsídios aos(as) agricultores(as) familiares produtores de açaí, otimizando os entraves enfrentados desde a produção dos frutos nos estabelecimentos rurais até chegar à comercialização, proporcionando estratégias e canais de comercialização adequados, justos e eficazes aos agricultores para que, assim, possam ter retorno e lucros satisfatórios de suas produções.

A cadeia produtiva de açaí enfrenta riscos e ameaças pertinentes em seu processo de desenvolvimento dentro das áreas rurais do município que possuem trajetos difíceis em detrimento destas questões de logística e transporte. Muitos(as) agricultores(as) da região preferem entregar e realizar a venda de suas colheitas a atravessadores, que fazem intermédio com os pontos de venda local ou fora do município. Este processo de venda a intermediários demonstra uma ação de prejuízo para muitos(as) agricultores(as), que perdem seu poder de barganha e negócio ao entregarem o produto muitas das vezes a preços irrisórios.

Dessa forma, a dependência dos atravessadores limita o potencial econômico dos(as) agricultores(as) e fragiliza a sustentabilidade financeira da cadeia produtiva. Essa prática não só reduz a margem lucrativa dos(as) agricultores(as) locais, como também compromete seu poder de negociação e desenvolvimento. Diante dessa realidade, a superação dos desafios logísticos e a criação de alternativas que permitam o acesso direto ao mercado tornaram-se essenciais para garantir melhores condições de comercialização e fortalecer a autonomia dos(as) agricultores(as) familiares na cadeia do açaí.

Portanto, a implementação deste estudo trouxe contribuições teóricas e práticas, enfatizando a importância de que políticas públicas, de desenvolvimento rural e ATER sejam revistas em vários níveis governamentais. No nível federal, o Ministério da Agricultura deve criar políticas que atendam tanto à agricultura convencional quanto à agricultora familiar. No âmbito estadual, as secretarias de agricultura e agências de desenvolvimento, como ADEPARÁ, EMATER, devem focar na execução de políticas adaptadas às necessidades locais. Já em nível municipal, prefeituras podem implementar programas que incentivem a agricultura familiar, oferecendo suporte logístico e infraestrutura.

Por fim, associações de produtores e cooperativas no nível comunitário são fundamentais para organizar os agricultores(as) familiares e melhorar as condições de produção e comercialização, para reconhecer atividades relacionadas à produção de açaí, tanto em sistemas de monocultivos como agroflorestais, possibilitando a inclusão dos(as) agricultores(as) na verticalização da cadeia produtiva de açaí, o que de fato levará à inclusão social e à melhor distribuição de renda, mas é necessário o processo de formação e construção de associações.

É necessário um planejamento participativo entre elos da cadeia produtiva do açaí, envolvendo diversas atividades que impactam a região, mas que considerem as especificidades e potencialidades com base nas realidades locais. Para isso, os governantes e demais atores da cadeia produtiva devem promover políticas públicas que incentivem a pesquisa e o desenvolvimento de tecnologias apropriadas ao contexto local, visando ao aumento da produtividade. Além disso, as agências estatais ligadas ao setor produtivo precisam atuar em cooperação, focando na construção de indústrias locais que sejam geridas pelos(as) próprios(as) agricultores(as) familiares, fortalecendo a autonomia dos(as) agricultores(as) e agregando valor à produção regional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, H. P. *et al.* Produção e autoconsumo de açaí pelos ribeirinhos do Município de Igarapé-Miri, Pará. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 10, n. 9, p. e51710918376-e51710918376, 2021a.

ALMEIDA, H. P. *et al.* Perfil socioeconômico da produção de açaí manejado em comunidades rurais do Município de Igarapé-Miri, Pará. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 10, n. 11, p. e592101120084-e592101120084, 2021b.

ARAÚJO, D. N.; SOUZA FILHO, H. M. Direcionadores de competitividade na cadeia produtiva da polpa do açaí no nordeste paraense. **Custos e Agronegócio**, [s. l.], n. 66, p. 540. 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BATALHA, M. O. **Gestão agroindustrial**. São Paulo: Atlas, 1997.

BATALHA, M. O. **Gestão de sistemas agroindustriais: definições, especificidades e correntes metodológicas**. São Paulo: Atlas, 2014

BENTES, E. D. S.; HOMMA, A. K. O.; SANTOS, C. A. N. Exportações de polpa de açaí do estado do Pará: Situação atual e perspectivas. *In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL*, 55., Santa Maria, RS. **Anais [...]**. Santa Maria, RS: Inovação, extensão e cooperação para o desenvolvimento, 2017. p. 1-11.

BEZERRA, V. S.; SILVA, O. F.; DAMASCENO, L. F. Açaí: produção de frutos, mercado e consumo. *In: JORNADA CIENTÍFICA*, 2., 2016, Brasília, DF. **Anais [...]**. Brasília, DF: Embrapa, 2016. p. 1-8.

CAMPOS, M. V. A. *et al.* Dinâmica dos sistemas agroflorestais com as sinergias socioeconômicas e ambientais: caso dos cooperados nipo-paraenses da cooperativa agrícola mista de Tomé-Açu, Pará. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 11, n. 1, p. e22811121000-e22811121000, 2022.

CANTUÁRIA, T. V. *et al.* Riscos de ruptura na cadeia de suprimento do açaí na visão dos gestores do Estado do Pará. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 11, n. 4, p. e17411427261-e17411427261, 2022.

CASTRO, A. M. G.; LIMA, S. M. V.; CRISTO, C. M. P. N. Cadeia produtiva: marco conceitual para apoiar a prospecção tecnológica. *In: SIMPÓSIO DE GESTÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA*, 22., 2002, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: SGIT, 2002. p. 1-14.

CASTRO, C. N. Desafios da agricultura familiar: o caso da assistência técnica e extensão rural. **Boletim Regional, Urbano e Ambiental**, Brasília, DF, n. 12, p. 49-59, 2015.

CONAB. Histórico Mensal Açaí. **Companhia Nacional de Abastecimento**, Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/OlalaCMS/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

CONAB. Açaí – Análise Mensal – dezembro 2020. **Companhia Nacional de Abastecimento**, Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuarioextrativista/analises-do-mercado/historico-mensal-de-acai>. Acesso em: 02 set. 2022.

DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. **A concept of agribusiness**. Boston: Harvard University, 1957.

DALLA VALLE, C.; DORR, A. C. A influência da nova economia institucional na cadeia produtiva da pedra preciosa na Região do Médio Alto Uruguai. **Revista de Administração IMED**, Passo Fundo, v. 10, n. 1, p. 166-189, 2020.

DALLA VALLE, C.; DORR, A. C. Custos de transações e estruturas de governança na cadeia produtiva de pedras preciosas. **Revista Gestão Organizacional**, Chapecó, v. 15, n. 2, p. 43-63, 2022.

DIAS J. C. P. *et al.*. II Consenso Brasileiro em Doença de Chagas, 2015. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, DF, v. 25, núm. esp., p. 7-86, 2016.

FAPESPA. **Relatório Anual de Atividades 2021**. Belém: FAPESPA, 2021.

FAO. **Consulta de expertos sobre productos forestales no madereros para América Latina y el Caribe**. San Tiago: FAO, 1994. (Serie forestal, 1). Disponível em: <http://www.fao.org/3/a-t2360s.pdf>. Acesso em: 02 de set. 2022.

FARIAS, J. E. S. **Manejo de açazais, riqueza florística e uso tradicional de espécies de várzeas do estuário amazônico**. 2012. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade Tropical) – Pós-Graduação em Biodiversidade Tropical, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2012.

FARINA, E. M. M. Q. Competitividade e coordenação de sistemas agroindustriais: um ensaio conceitual. **Gestão & Produção**, São Carlos, SP, v. 6, p. 147-161, 1999.

FARINA, E. M. M. Q.; ZYLBERSZTAJN, D. Organização das cadeias agroindustriais de alimentos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 20., 1992, Campos de Jordão. **Anais [...]**. Campos do Jordão: ENEN, 1992. p. 189-207.

FARINA, E. Organização industrial no *agribusiness*. *In*: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Economia e gestão dos negócios agroalimentares**. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 39-57.

FERNANDES, A. P. D.; HOEFLICH, V. A.; SILVA, I. C.; SOUZA, M. F. R. Fatores limitantes da gestão dos produtos florestais não-madeireiros na APA de Guaratuba. **Ciência Florestal**, [s. l.], v. 30, n. 2, p. 323-334, 2020.

FREDDO, A. R. L. F. Açáí. Companhia Nacional de Abastecimento. **Boletim da Sociobiodiversidade**, Brasília, DF, v. 2, n. 4, p. 9-18, 2018.

GAMMARANO, I. J. L. P. *et al.* Açáí, quem te toma por aqui fica! Elementos que impactam no comportamento do consumidor de açáí no norte do Brasil. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 26, n. 3, p. 331-355, set./dez. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KUPFER, D.; HASENCLEVER, L. (org.). **Economia Industrial: fundamentos teóricos e práticos no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

HOMMA, A. K. O. *et al.* Açaí: novos desafios e tendências. **Amazônia: ciência & desenvolvimento**, Belém, v. 1, n. 2, p. 7-23, 2006.

IBGE. Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura 2019. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, Rio de Janeiro, v. 34, 2020. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2019_v34_notas_tecnicas.pdf. Acesso em: 10 set. 2021.

IBGE. PAM - Produção Agrícola Municipal. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, Rio de Janeiro, 2020b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/geratabela?name=Tabela%203.14%20-%20Para.xlsx&format=xlsx&medidas=true&query=t/1612/g/90/v/allxp/p/2020/c81/all/l/p%2Bc81,v,t>. Acesso em: 18 ago. 2022.

IBGE. PAM - Produção Agrícola Municipal. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/geratabela?name=Tabela%203.14%20-%20Para.xlsx&format=xlsx&medidas=true&query=t/1612/g/90/v/allxp/p/2021/c81/all/l/p%2Bc81,v,t>. Acesso em: 18 ago. 2022.

LEITE, A. F.; GUIMARÃES, A. G.; FERREIRA, L. L.; SALES, J. A. M.; PINHEIRO, R. S. Cadeia produtiva do peixe congelado no Estado do Pará: uma abordagem logística. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO*, 30., 2010, São Carlos, SP. **Anais [...]**. São Carlos, SP: Abepro, 2010. p. 1-13. Disponível em: https://abepro.org.br/biblioteca/enegep2010_tn_stp_113_741_16154.pdf. Acesso em: 18 ago. 2022.

LOPES, M. L. B. *et al.* A cadeia produtiva do açaí em tempos recentes. *In: MEDINA, G. S.; CRUZ, J. E. (org.). Estudos em agronegócio: participação brasileiras nas cadeias produtivas*. Goiânia: Kelps, 2021. p. 309-336.

MARTINS, R. C.; SONÁGLIO, C. M. Dinâmicas de Construção das Cadeias Curtas Agroalimentares e o Desenvolvimento Regional. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 15, n. 6, p. 186-198, 2019.

MORAES, P. M. O.; MELLO, D. Políticas públicas na cadeia produtiva do açaí: segurança e soberania alimentar na Amazônia e a agenda 2030. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 11, n. 10, p. e453111032850, 2022.

NEVES, M. F.; CALEMAN, S. M. Q. Metodologias para análise de sistemas agroindustriais. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F.; CALEMAN, S. M. Q. (org.). **Gestão de sistemas de agronegócios**. São Paulo: Atlas, 2015. p. 44-70.

NORTH, D. C. **Custos de transação, instituições e desempenho econômico**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1994.

NORTH, D. C. **Understanding the process of economic change**. London: Institute of Economic Affairs, 1999.

OLIVEIRA, L. F. T.; SILVA, S. P. Mudanças institucionais e produção familiar na cadeia produtiva do leite no Oeste Catarinense. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, DF, v. 50, p. 705-720, 2012.

PRADO, J. *et al.* Análise da produção científica sobre cadeias produtivas entre 2012 e 2018. **Revista Economia e Políticas Públicas**, Montes Claros, v. 9, n. 2, p. 10-33, 2021.

RENTING, H.; MARSDEN, T.; BANKS, J. Compreendendo as redes alimentares alternativas: o papel de cadeias curtas de abastecimento de alimentos no desenvolvimento rural. In: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (org.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 27-51.

RIBEIRO, L. O. *et al.* Açaí production in the municipality of São Miguel do Guamá, Pará: perspective of açaí beaters. **Revista Agro@mbiente**, Boa Vista, v. 15, p. 1-15, 2021.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia da pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTANA, A. C. *et al.* O mercado de açaí e os desafios tecnológicos da Amazônia. In: PESSOA, J. D. C.; TEIXEIRA, G. H. A. (org.). **Tecnologias para inovação nas cadeias Euterpe**. 1 ed. Brasília, DF: Embrapa, 2012. v. 1, p. 21-39.

SEDAP. **Sistema Agrícola de Produção – Estado do Pará – Culturas Agrícolas: açaí, cacau, dendê e Mandioca**. Belém: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca, 2020.

SILVA, C. N. *et al.* Estratégias de sobrevivência na Amazônia paraense: o caso dos moradores do baixo Rio Meruí (Igarapé-Miri/Pará/Brasil). **Geosul**, Florianópolis, v. 31, n. 62, p. 151-172, 2016.

SILVA *et al.*, Tamanho da semente e substratos na produção de mudas de açaí. **Advances in Forestry Science**, 4(4), 151-156. 2017.

SILVA, J. L. V. F. **Análise Econômica da Produção e Transformação em ARPP, dos Frutos de *Euterpe edulis* Mart. em Açaí no Município de Garuva Estado de Santa Catarina.** 2005. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, 2005.

SOUZA, M. R.; SILVA, E. R.; SOUZA, L. G. S. Socioeconomia dos vendedores de polpa e frutos de açaí no município de Feijó-Acre. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 712-725, 2019.

TAGORE, M. P. B.; MONTEIRO, M. A.; CANTO, O. A cadeia produtiva do açaí: estudo de caso sobre tipos de manejo e custos de produção em projetos de assentamentos agroextrativistas em Abaetetuba, Pará. Amazônia. **Organizações e Sustentabilidade**, Belém, v. 8, n. 2, p. 99-112, 2019.

TAVARES, G. S.; HOMMA, A. K. O. Comercialização do açaí no Estado do Pará: Alguns comentários. **Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana**, [s. l.], n. 211, p. 1-13, 2015.

VIEIRA, A. H. *et al.* **Cultivo do Açaizeiro (*Euterpe oleracea* Martius) no Noroeste do Brasil.** Porto Velho: Embrapa, 2018.

WILLIAMSON, O. E. The new institutional economics: taking stock, looking ahead. **Journal of Economic Literature**, [s. l.], Vol. 38, No. 3, p. 595-613, 2000.

XIMENES, L. C. *et al.* Importância do açaí na renda mensal da comunidade quilombola Murumuru em Santarém, Pará. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, Aquidabã, v. 11, n. 2, p. 36-42, 2020.

ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F.; CALEMAN, S. M. Q. (org.). **Gestão de sistemas de agronegócios.** São Paulo: Atlas, 2015.